

Shirley Clarke vê a cidade

Entre tantas outras visitas de artista a Brasília, houve uma outra que merece destaque: esta semana, a cineasta norte-americana Shirley Clarke também está na cidade, acompanhada de sua colega de profissão, a brasileira Rose Laçreta para, juntas, iniciarem as filmagens de uma obra a quatro mãos que, depois de percorrer outras cidades brasileiras, irá para os Estados Unidos, para ser finalizada.

Shirley Clarke começou a olhar para o Brasil com maior interesse, e "menos folclore", quando foi convidada, justamente por Rose Laçreta, para participar do FestRio II, na mostra **Olar Feminino**. Gostou do que viu, voltou para o seu país, onde ganhou um prêmio que lhe deu condições financeiras para entrar em novo projeto, e embarcou para o Brasil. Aqui, depois de Brasília, irá para São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, sempre acompanhada de Laçreta. Juntas, as duas não têm apoio financeiro. Pelo contrário, pretendem inclusive vender parte dos filmes que produzem para os governos das cidades, para poderem continuar a viagem. Pretendem estar nos Estados Unidos dentro de um mês com parte do trabalho que, curiosamente, ainda não tem um plano definitivo e deverá ser alguma coisa sobre o futuro, com o olhar de uma criança sobre as cidades e a vida. Shirley Clarke, que parece ter o espírito mais brinçalhão que a brasileira Laçreta, pensa que o filme pode se chamar **Bye, Bye Brasil, Hello New York**. Laçreta não confirma.

Shirley, que tem uma filmografia bastante extensa, prefere, de qualquer maneira, não falar de feminismo. Ela mesma explica que teve uma mãe feminista, responsável pela primeira creche da cidade de Nova York. Ela veio de uma família de mulheres e, para ela, é automático reagir bem à questão das



Shirley Clarke

mulheres, apesar de não falar deste assunto nos filmes. "Eu uso outros símbolos: falo do negro, do homossexual, do Harlem, dos músicos. Mas nunca fiz um filme onde a mulher fosse a heroína".

Tudo indica que esta viagem que ela está fazendo pelo País esteja ajudando — e muito — a

melhorar a imagem e o conceito que tinha antes do Brasil. "Honestamente, a impressão não era boa. Agora, vejo que o Brasil é mais sofisticado que parecia ser. Tem bons cineastas e, principalmente, boas cineastas".

Esta é a primeira vez que Shirley trabalha em parceria e gosta da idéia. É o fato de trabalhar com outra mulher parece também ser importante. Ela explica: "A mulher vê o mundo de uma maneira diferente. Mas o negro também. Acontece que nem as mulheres ou os negros matam pela diferença". Nas suas palavras, é preciso aprender a conviver com as diferenças.

Chegou-se, portanto, à parte mais delicada. E o governo americano, respeita as diferenças? Shirley Clarke é categórica: "Não. O governo americano é o pior. E Nancy Reagan é a pior de todos". Ela, Shirley, sabe das dificuldades de ser americana em um mundo perplexo diante das atitudes de seu Governo. Confessa que sentiu-se embaraçada, nos anos cinquenta, quando visitou a França, e os Estados Unidos viviam o macarthismo. De qualquer jeito, ela se pergunta: "Por que as pessoas não tentam interromper o que os Estados Unidos estão fazendo com o mundo? Parece que ninguém se incomoda, a não ser os libios, os nicaraguenses e os vietnamitas". Alguém tem que dizer **Stop!**"

Ela sabe, de certa forma, que há muita coisa que os artistas podem fazer. Derrubar o sucesso alcançado por filmes como **Rambo** e **Commando** é uma delas. Produzir mais, sempre mais, é o que ela quer.

Shirley Clarke e Rose Laçreta estavam reunidas em uma pequena recepção onde, curiosamente, não estavam presentes as cineastas das cidades. Chegaram

a desconfiar que até mesmo Brasília não tinha mulheres envolvidas no processo de fazer cinema. Os nomes de Tânia Quaresma, Maria Coeli e Zuleica Porto foram citados. Elas se interessaram em entrar em contato.

A visitante, de uma maneira ou de outra, gosta de falar do Brasil. "Não é exatamente um país exótico. Na verdade, é e não é. Aqui é melhor que minha cidade, por exemplo, porque em Nova Iorque também tem pessoas que morrem de fome nas ruas, mas com neve e vento frio. Aqui, parece que a natureza é mais sadia."

A partir deste assunto, ela continuou: "Tudo o que acontece no mundo é perigoso. Não tenho medo da situação que vivemos. Tenho fantasias de chegar ao fim do mundo preta para sobreviver no espaço e Brasília é o primeiro exemplo que vejo de como será a vida além da estratosfera".

Dito isto segue Shirley em direção a mais um filme, desta vez em parceria. Aos 60 anos, sua coleção de títulos chega a ser bem grande, como também os prêmios. Sua obra é elogiada e respeitada. **The Connection**, por exemplo, saiu premiado em Cannes em 1961, falando dos gustos negros dos Estados Unidos. **Portrait of Jason**, que foi mostrado ontem no auditório Dois-Cardáguas da Universidade de Brasília. Tala justamente de um homossexual negro. Diante da câmara, ele apresenta um monólogo sobre si mesmo e a vida que leva. Outro filme, a ser apresentado hoje às 20 horas, em Brasília é justamente **Onette-Made in America**, que tomou vinte anos da cineasta para ser realizado. Além disto, teve um percurso curioso: foi filmado em 16 milímetros, montado em vídeo e lançado em 35 mm. Só isto já bastaria para fazer de **Onette** uma obra especial.